

A PROPOSTA DE TRANSVERSALIDADE DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

MARIA DA CONCEIÇÃO MEDEIROS

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - UMESP

ALMIR MARTINS VIEIRA

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO (UMESP)

Agradecimento à órgão de fomento:

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

A PROPOSTA DE TRANSVERSALIDADE DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

INTRODUÇÃO

O movimento de globalização dos mercados presenciado nesse século levou a intensificação das relações sociais estabelecidas em um âmbito mundial, marcadas prioritariamente pelos avanços tecnológicos, surpreendendo com propostas inovadoras a atualização dos diferentes arranjos produtivos e métodos de gerenciamento das organizações (DAUDT; WILLCOX, 2016; SUSSKIND, 2017).

Discussões em torno das atuais relações de emprego e do futuro das profissões tem-se intensificado frente ao crescente número de desempregados. Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), confirmaram que um total 12,7% da população brasileira, no primeiro trimestre de 2019 encontrava-se em situação de desemprego.

Nesse cenário torna-se fator essencial a compreensão das modernas estruturadas da sociedade e da possível contribuição que a educação formal possa trazer. Segundo Peterossi (2014) a educação, e em específico a educação profissional e tecnológica deveria reconhecer o “impacto das novas tecnologias, os novos comportamentos e mudanças do mercado”, bem como identificar às alterações na forma de administração e de organização dos modos de produção de bens e serviços identificando tendências e possíveis desafios impostos a “prática educacional”. Ressalta-se a necessidade de buscar alternativas que auxiliem o processo de desenvolvimento constante e evolutivo de indivíduos (HATTIE, 2017; DORNELAS, 2018), habilitando-os a antecipar-se às condições de crise e desigualdade social (RUFÍN, 2017).

Observa-se nas informações contidas no relatório do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2017) o destaque para educação empreendedora, sendo descrita como fundamental ao contexto econômico e social, assim como na geração de valor e formação integral do sujeito, destacando que:

Em 2017, no Brasil, a taxa total de empreendedorismo (TTE) foi de 36,4%, o que significa que de cada 100 brasileiros e brasileiras adultos (18 – 64 anos), 36 deles estavam conduzindo alguma atividade empreendedora, quer seja na criação ou aperfeiçoamento de um novo negócio, ou na manutenção de um negócio já estabelecido.

Tal perspectiva enfatiza a ação empresarial do empreendedorismo (SCHUMPETER, 1997; DRUCKER, 1999; FILION, 1999; HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2017) e reforça a relevância do processo de formação do sujeito empreendedor. Nesse direcionamento, o mesmo relatório (GEM, 2017) apresenta recomendações relacionadas à educação empreendedora apontando a necessidade de se investir em capacitação e mentorias (via programas governamentais), de se apoiar iniciativas que já fomentam o empreendedorismo, por meio de projetos integrados e estruturados, além de se desenvolver ações que aproximem a atividade empreendedora das instituições escolares.

Desta maneira, os referenciais mundiais atrelados às ocorrências nacionais despertam a atenção para mudanças ocorridas nas relações de trabalho e do emprego formal, abrindo espaços para discussões sobre a inserção do tema empreendedorismo no contexto escolar, como sugerido no relatório do GEM (2017). Tais ações objetivando a inclusão da teoria, prática e experimentação do empreendedorismo nos processos de formação possibilitariam segundo Araújo e Davel (2018), meios para “transformação e a reinvenção da sociedade contemporânea”.

Para Rossi e Oliveira (2005) vale determinar “uma correlação entre o novo contexto econômico mundial, o nível de desemprego no país e a estrutura de educação e formação

profissional existente [...]”, de forma a encontrar alternativas viáveis para o desenvolvimento da educação empreendedora. Segundo Dolabela e Filion (2013), a educação empreendedora traz o objetivo principal de oportunizar o desenvolvimento humano, como um recurso basilar para promoção de mudanças estruturais da sociedade.

Assim, a identificação de uma metodologia que favorecesse a inserção do tema empreendedorismo associado à educação formal, contribuiria para o planejamento das ações pedagógicas, abrindo caminho para o diálogo sobre os desafios presentes na construção de itinerários formativos direcionados a formação integral do sujeito empreendedor.

Portanto, acredita-se que esta pesquisa possa contribuir para identificar uma proposta para educação empreendedora vinculada à formação profissional, com intuito de promover a autonomia e protagonismo do indivíduo na construção de sua realidade social, propiciando respostas efetivas no desenvolvimento integral do sujeito (DOLABELA, 2006; SANT’ANNA, 2008; HASHIMOTO, 2013; RIBEIRO; MOREIRA, 2017; DORNELAS, 2018).

Diante deste desafio, este estudo assume a seguinte questão problematizadora: como se manifesta a transversalidade do tema empreendedorismo na formação de estudantes de graduação tecnológica? Na busca de respostas para a pergunta, este artigo tem como objetivo identificar como o tema empreendedorismo se insere no processo de formação profissional de graduação tecnológica.

Em termos de estrutura, este artigo compõe-se de seis seções, além desta introdução. Nas próximas três seções, tem-se o campo teórico-conceitual, versando sobre educação empreendedora, formação profissional e tecnológica e transversalidade. Na seção seguinte, são apresentados os procedimentos metodológicos assumidos no estudo. Em seguida, tem-se os dados obtidos e sua respectiva análise para, na seção final, se constatar as considerações finais da pesquisa.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Visto como um conceito em evolução, o empreendedorismo destacou-se como um grande fenômeno ocorrido na virada deste século, derivando de contextos históricos e sociais constituídos a partir das contribuições de distintas áreas das ciências (FILION, 1999; SOUZA, 2012; HASHIMOTO, 2013; ARRUDA; BURCHART; DUTRA, 2016; DORNELAS, 2018). Como um processo evolutivo, propiciou um vasto campo para pesquisas e discussões relacionadas ao comportamento do sujeito frente às inovações e mudanças nos processos de produção e comercialização de bens e serviços, assim como, na atuação do empreendedor dentro e fora das organizações (DOLABELA, 2006).

Para Franco e Gouvêa (2016), tal entendimento reforçou a “noção do empreendedor relacionado à percepção e exploração de novas oportunidades”. Essas observações relacionadas ao ato de empreender fortaleceu a crença no sujeito empreendedor, sendo descrito como uma força de desenvolvimento econômico norteada pela ação direta do indivíduo no enfrentamento de situações relacionadas a diversos fatores sociais e econômicos (FRANCO; GOUVÊA, 2016; DORNELAS, 2018).

Justifica-se destacar o modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade apresentado por Costa e McCrae (2013), no qual se indicou grandes campos comportamentais levando a percepção da influência da conduta do indivíduo e a ação empreendedora. Para Besutti e Angonese (2017), “o desenvolvimento de intenção empreendedora depende da combinação de fatores pessoais e de fatores sociais”.

Tais apontamentos justificam a preocupação de inserção da educação empreendedora no processo de formação profissional acreditando ser uma direção para o desenvolvimento integral do sujeito, capacitando-o para a futura ação empreendedora.

Nas recomendações contidas no relatório do GEM (2017) identificou-se a importância da educação empreendedora nos processos de formação desde o nível fundamental, apontando o conhecimento como um facilitador do sucesso no ato de empreender. No quadro 1 tem-se as principais recomendações elencadas no referido documento.

Quadro 1. Recomendações para melhoria das condições para empreender no Brasil

Investimento em capacitação e mentorias, ou seja, programas governamentais que financiem ativos de conhecimento, e não somente estruturas.
Apoiar as instituições que já fomentam o empreendedorismo (Sebrae, Endeavor, Senac, dentre outras), integrando-as a um projeto estruturado.
A aproximação da atividade empreendedora praticada intuitivamente com ambientes escolares, com a universidade, como a academia. Isso é fundamental para a qualificação do empreendedorismo no Brasil.
A inserção da educação empreendedora desde a escola fundamental. Quanto mais cedo o espírito empreendedor for disseminado, maior será a chance de se ter jovens empreendedores no futuro, com uma boa base desconhecimento sobre plano de negócios, estudo de mercado, fatores econômicos que afetam o negócio, dentre outros aspectos essenciais para se ter êxito.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base no Relatório Executivo do GEM (2017, p.19).

Segundo Besutti e Angonese (2017) espera-se que os indivíduos com:

[...] um nível geral de autoeficácia elevado sejam mais persistentes, trabalhem de forma mais efetiva, se esforcem mais na realização das tarefas e tenham a confiança de possuir as competências necessárias para conseguir os seus objetivos.

Nesse sentido, o processo de educação formal deveria contemplar o desenvolvimento de competências, habilidades, atitudes e valores do indivíduo no enfrentamento das diversas situações, possibilitando segundo Freire (1996) e Delors (2012), a formação integral do sujeito capaz de situar-se no contexto social, levando-o a assumir seu dever como agente de transformações da realidade na qual se encontra inserido (OLIVEIRA; MELO; MUYLDER, 2016; CARMONA; MARTENS; FREITAS, 2017).

Para Dornelas (2018) deve-se buscar compreender:

[...] quais são os objetivos do ensino de empreendedorismo, pois os cursos podem diferir de universidade para universidade, escola técnica ou tecnológica. Qualquer curso de empreendedorismo deveria focar: a identificação e o entendimento das habilidades do empreendedor; a identificação e análise de oportunidades; as circunstâncias nas quais ocorrem a inovação e o processo empreendedor; a importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico; a preparação e utilização de um plano de negócios; a identificação de fontes e obtenção de financiamento para o novo negócio; e o gerenciamento e crescimento da empresa.

Portanto, justifica-se disseminar uma proposta de incentivo e construção de competências e atitudes empreendedoras (DORNELAS, 2018), que transpareça na educação formal uma orientação para o empreendedorismo. Cabe salientar a importância dada ao tema empreendedorismo contida nos documentos do Parecer CNE/CEB nº 13/2010:

Sabedores que somos da importância da educação na promoção do desenvolvimento social e econômico de nosso país ressaltam a necessidade de se incluir a disciplina Empreendedorismo, de forma teórica e prática, no contexto escolar. Estimular o potencial empreendedor é firmar valores como a busca de oportunidade e iniciativa, a disposição para inovar e enfrentar desafios e riscos calculados, características de comportamentos tão exigidas atualmente, tanto para os que optarem pela futura abertura de um negócio, como para aqueles que buscarão uma chance no

competitivo mercado de trabalho, colaborando, inclusive, para o surgimento de novos negócios e a geração de emprego e renda (BRASIL, 2010).

Desta maneira, a educação assume papel fundamental na construção de uma cultura empreendedora capaz de “fomentar uma atividade empresarial de sucesso” (COSTA; CARVALHO, 2011; HUBER; SLOOF; PRAAG, 2012), cabendo assim, a identificação de metodologias que favoreçam um novo modelo de formação profissional.

Nessa perspectiva, deve-se considerar a essência da natureza da educação empreendedora, que segundo Schaefer e Minello (2016), Estival *et al.* (2018) possui “natureza e especificidades próprias que a distinguem dos modelos tradicionais de ensino”. Dada a sua centralidade no processo de aprendizagem fundamentado no mundo real, recomendando-se estabelecer um elo entre o conhecimento teórico, a prática e a experimentação, devendo ocorrer “de forma integrada, interdisciplinar e transversal às demais disciplinas e ao longo das diferentes etapas de ensino” (SCHAEFER; MINELLO, 2016; ESTIVAL *et al.*, 2018).

Tais concepções sugerem a utilização de metodologias diferenciadas e interativas (DINATO; SANDIM; CERNACH, 2008) direcionadas ao aprender a aprender estruturando-se a partir de uma proposta interdisciplinar e transversal do empreendedorismo nos currículos de formação profissional.

Destaca-se a necessidade da análise cuidadosa de um modelo que permita o desenvolvimento da educação empreendedora, estabelecendo segundo Dinato, Sandim e Cernach (2008), a “garantia do aprendizado, da capacidade de acompanhar as evoluções e especialmente o aprendizado tecnológico”.

Nesse cenário, acredita-se que a educação empreendedora se constitui em um diferencial para educação profissional e tecnológica, tornando-se um recurso adequado para o desenvolvimento de competências e atitudes inseridas na formação do sujeito, de maneira a fomentar a identificação de oportunidades, criação de negócios e geração de valor, impactando nas decisões e sonhos para o futuro (DOLABELA; FILION, 2013).

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Segundo Davini (1997), os esforços investidos nas reformas da educação ao longo da história objetivaram o desenvolvimento de um modelo de ensino profissional que atendesse o processo de modernização favorecendo a formação e inserção dos indivíduos em postos de trabalho. Tais esforços fomentaram o funcionamento de cursos superiores de curta duração autorizados pelo Decreto-Lei nº 547 de 1969, admitindo:

Art. 1º As Escolas Técnicas Federais mantidas pelo Ministério da Educação e Cultura poderão ser autorizadas a organizar e manter cursos de curta duração, destinados a proporcionar formação profissional básica de nível superior e correspondente às necessidades e características dos mercados de trabalho regional e nacional (BRASIL 2010).

A crescente demanda advinda do setor produtivo levou a consolidação na década de 1970 da oferta dos cursos superiores de tecnologia na educação brasileira, destacando que a inovação nos modos de produção exigia dos trabalhadores um contínuo processo de qualificação profissional (TAKAHASHI, 2010).

Nesse cenário, o relatório do Parecer CNE/CP nº 29/2002 estabeleceu que os cursos superiores de tecnologia se configurassem como:

[...] uma das principais respostas do setor educacional às necessidades e demandas da sociedade brasileira, uma vez que o progresso tecnológico vem causando

profundas alterações nos modos de produção, na distribuição da força de trabalho e na sua qualificação (BRASIL, 2002).

Segundo Schwartzman (2016), a educação profissional dedicou-se a missão de preparar os indivíduos para atuarem com responsabilidade, criticidade e colaboração, no desenvolvimento de competências técnicas e sociais evidenciando a necessidade do planejamento da educação profissional estabelecida por um conjunto de práticas que oportunizem a formação ampla e integral de conhecimentos (NERI, 2012).

Diante do exposto, a proposta de inserção da educação empreendedora nos itinerários formativos de graduação tecnológica representa uma alternativa viável para o desenvolvimento de futuros empreendedores.

TRANSVERSALIDADE

Presente em documentos de diretrizes educacionais (PCNs, 1977), a transversalidade apresenta-se como uma proposta metodológica de ensino orientada para inserção e discussão de temas relativos à construção de valores e a formação da cidadania. Traz em sua essência, o objetivo determinante de transformação na conduta de indivíduos (PRESTINI, 2005), recomendando a reconceituação do ensino e o direcionamento das ações conforme o proposto nos referenciais da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (BRASIL, 1996):

“ressignificar o ensino a fim de favorecer o desenvolvimento de competências relacionadas ao conviver, relacionar-se com a natureza, construir e reconstruir as instituições sociais, produzir e distribuir bens, serviços, informações e conhecimentos” (BRASIL, 1996).

A viabilidade de uso da transversalidade enquanto mecanismo de integração nos processos de formação estabelece o desenvolvimento de uma cultura interdisciplinar, favorecendo a interação dos saberes, com objetivo principal de reduzir a fragmentação do conhecimento (MORIN, 2003). Nesse sentido, destacam-se os apontamentos contidos nos PCNs (1977) quanto à complexidade atribuída a temas transversais inseridos na educação, apontando que:

Os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los. Ao contrário, a problemática dos Temas Transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento. (BRASIL, 1997)

Segundo Inoue (1999), a proposta de transversalidade representa diversas possibilidades na inserção de temas e construção de novos conhecimentos e valores, argumentando que as áreas do conhecimento buscavam ensinar os saberes “constituídos ao longo de toda história”, enquanto os temas transversais foram “produzidos no dia-a-dia e na vivência da própria sociedade”, estabelecendo a proposta de aprender sobre a realidade (PRESTINI, 2005).

Observam-se tais direcionamentos nos documentos dos PCNs (1997), considerando que:

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade) (BRASIL, 1997).

Desta maneira, os temas transversais caracterizam-se como “mecanismos integradores” ou “instrumentos para superação da fragmentação” dos saberes, promovendo uma nova abordagem na articulação entre as áreas do conhecimento e temas pertinentes a formação

integral do sujeito (WENCESLAU; SILVA, 2017). Tais argumentos certificam os pressupostos de Morin (1999) quanto à integração dos saberes, bem como revalidam os argumentos de Thadei (2006) ponderando que:

O conceito de transversalidade surge na tentativa de reduzir a distância entre os conteúdos das áreas rigorosamente divididas. O domínio de determinada carga de conteúdos por si só não é suficiente para uma educação globalizada e transformadora da realidade. Não se trata de agregar novos temas ou áreas de ensino ao currículo existente, mas de abordar a dimensão social do ensino; de tornar o ensino disciplinar e acadêmico mais humano voltado para a formação de atitudes e valores, conforme as necessidades oriundas de um mundo em constante desenvolvimento (THADEI, 2006).

Portanto, assumiu-se para esse estudo que o tema empreendedorismo, inserido na formação profissional de graduação tecnológica em uma concepção interdisciplinar e transversal ao currículo, caracteriza-se como metodologia viável para construção de uma proposta pedagógica que atenda às características e demandas de formação requeridas pela sociedade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo adotou a abordagem qualitativa pela perspectiva de se investigar do fenômeno, que nesta pesquisa, relaciona-se à compreensão docente sobre a importância da educação empreendedora na formação de graduação tecnológica, trazendo como objetivo aprofundar-se na análise e discussão temática a partir das relações sociais que se manifestam. Caracterizou-se por uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Segundo Gil (2008), as “pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”, ampliando as discussões sobre o tema pesquisado, considerando ainda, que as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”, adequando-se aos objetivos de identificar a transversalidade, como possível mecanismo de integração, para inserção do tema empreendedorismo na graduação tecnológica. Para instrumento de investigação, utilizou-se a entrevista em profundidade, norteada por um roteiro semiestruturado.

Para Godói e Mattos (2010), o objetivo de uma entrevista semiestruturada está na busca das concepções que os componentes das entrevistas “atribuem às questões e situações relativas ao tema de interesse”. Desta maneira, segundo Bardin (2011), “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”, assim, para este estudo foram estruturadas categorias de análise que serviram de suporte a elaboração do roteiro de entrevistas, propondo-se como categorias: a relação da educação empreendedora inserida na formação profissional de graduação tecnológica; e o uso da transversalidade enquanto mecanismo de integração.

A pesquisa foi realizada entre os dias 03/10/2018 e 06/12/2018, com a participação de 7 professores de Ensino Superior de Graduação Tecnológica que desempenham atividades de coordenação de projetos relacionados à estruturação de propostas de pedagógicas e curriculares de graduação tecnológica da Instituição de Ensino Público do Estado de São Paulo, o Centro Paula Souza. As identidades de todos os participantes foram resguardadas, sendo identificados pela letra E (entrevistado).

Para análise e interpretação dos dados das entrevistas, adotou-se a utilização da análise do discurso, permitindo a interpretação da posição narrativa do sujeito, sua construção e significação, contribuindo para construção da proposta desse estudo.

ANÁLISE DOS DADOS

A educação empreendedora pode ser vista como um propulsor para geração de valor e de mudanças nos diferentes contextos da sociedade. Nesse sentido, buscou-se identificar premissas e considerações de profissionais inseridos nas organizações e na área educacional, com a expectativa de se identificar a viabilidade do uso da transversalidade como mecanismo de integração relacionada à educação empreendedora para os cursos de formação profissional de graduação tecnológica.

As discussões em torno da formação profissional, assim como da educação empreendedora confrontam-se com questões relacionadas ao cenário socioeconômico e cultural, sendo descrito como essenciais por Peterrossi (2016) e observadas no relatório do GEM (2017). Pode-se identificar nas entrevistas, que o tema empreendedorismo é visto como uma necessidade atual, destacando-se os apontamentos dos entrevistados 7 e 3:

E7- [...], em minha opinião o empreendedorismo, tanto como um fator social, como econômico, é muito interessante, [...], vários tipos de cursos trabalham o empreendedorismo, criatividade, processo criativo, tecnologia, porque é uma necessidade desse momento [...] estão voltadas a você ser empreendedor, e as disciplinas também. [...] um dos fatores que acho importante, é que ele trabalha com a sustentabilidade, com a economia, com o social [...]

E3- [...] a preocupação de falar sobre o empreendedorismo para o aluno de graduação tecnológica [...] é o momento mais adequado [...] porque às vezes ele até já está no mundo do trabalho ou está buscando uma posição, e ao entender o empreendedorismo [...] talvez consiga uma colocação mais rápida, ou ele mesmo já terá condições de empreender sozinho ou com um grupo de colegas.

Percebeu-se a preocupação com a educação para o empreendedorismo vinculada ao processo de adequação às atuais conjunturas da sociedade, bem como as condições de crise e desigualdade sociais apresentadas por Rufín (2017), observou-se que o tema representa uma nova possibilidade ou alternativa de colocação no mercado, como indicado na fala dos entrevistados 1 e 2:

E1 - [...] a própria indústria 4.0, já nos mostra que é necessário um perfil de buscar novas possibilidades de solução de problemas, então o aluno deve ter esse perfil empreendedor. [...], temos trabalhado em um contexto social, onde temos o desemprego e devemos trazer a reflexão para sala de aula.

E2 - [...] o fundo principal é a sociedade, é o resultado que você vai trazer para essa sociedade, [...]. Então na medida em que você trabalha com o aluno, e esse adquire potencialidades e competências para entender e enxergar um negócio, [...] isso pode gerar uma ruptura na relação dele com a sociedade onde ele está inserido [...].

Tais possibilidades estruturam-se na proposta de inserção do tema empreendedorismo na educação formal estabelecendo na prática educativa o aprender a aprender e a empreender na realidade, favorecendo o desenvolvimento e a formação integral do sujeito como defendido por Freire (1996) e Wenceslau e Silva (2017). Para Besutti e Angonese (2017), a combinação de diferentes fatores (pessoais e sociais) possibilitaria a formação empreendedora, sendo que para os entrevistados, a educação empreendedora representa fator essencial na formação de

graduação tecnológica devendo estruturar-se nos currículos e no projeto pedagógico das unidades escolares:

E4 - [...] a educação empreendedora transcende tudo isso [...] tenho visto formas de se formar diferente [...], a gente consegue enxergar com as iniciativas atuais, novos caminhos, então o fato do currículo ser escrito por competências, isso vai ajudar, o fato de levarem o projeto empreendedor para dentro de quase todos os currículos, isso vai colaborar [...]. Porque na época que eu estudei [...] se via o empreendedorismo de uma forma diferente do que vemos hoje, século XXI [...]. Quando a gente passa a entender o empreendedorismo e vê-lo como um fator essencial, isso muda a relação [...].

E1 - [...] isto está muito claro para nós no departamento de ensino superior, [...] existe já definido no Projeto Pedagógico o como desenvolver esse espírito, esse perfil empreendedor [...]. Existe o direcionamento para o foco em *startups*, isso já existe, e a ideia é levar para toda rede, para todos os eixos tecnológicos [...]. Nós fechamos as competências do tecnólogo e uma das primeiras competências é que ele tenha um perfil para promover ação empreendedora independentemente do que ele for fazer no mercado.

Desta maneira, acredita-se que a proposta de uso da transversalidade como metodologia interativa como sugerido por Dinato, Sandim e Cernach (2008), torne-se viável ao pressuposto de integração dos saberes, como apontado por Morin (1999) e Thadei (2006) incitando o desenvolvimento e o envolvimento da comunidade escolar. Para os entrevistados 5 e 6, tais ações devem permear por todos os atores envolvidos no processo de ensino, considerando que:

E5 - A transversalidade passa [...] primeiro pela direção da instituição, pela coordenação, pelos professores e aí pelos alunos. Eu acho que tem que passar por todos para ser transversalidade. Vamos pensar [...] quantas competências o aluno deverá ter para ser um aluno do mundo de hoje, [...] competências básicas, tanto as competências pessoais quanto às competências profissionais, [...] essas competências não são exclusivamente desenvolvidas em cima da técnica, mas em cima de relacionamentos e de valores [...].

E6 - [...] fantástica a proposta do tema não ficar em uma disciplina, mas que envolva e permeie todas, [...] quando é transversal, há vários professores trabalhando e mostrando as pontes e ligações [...] se só tivermos uma disciplina, o aluno acha que aquele tema só faz parte daquele momento [...] quando o tema é transversal, são mostradas as pontes e as possíveis ligações, o aluno, consegue pegar e juntar todos os fragmentos, é melhor e facilita a maneira do aprendizado, consegue costurar, ver o sentido [...].

Observou-se nos relatos dos entrevistados, a importância da educação empreendedora quando relacionada às mudanças ocorridas nas relações de trabalho, sendo considerada como fundamental na formação de graduação tecnológica.

Pode-se supor que o uso da transversalidade na integração da educação empreendedora represente uma alternativa viável no desenvolvimento de competências que habilite o sujeito para o enfrentamento da realidade e para o atendimento as demandas impostas pela sociedade, tal argumento pauta-se na proposta de inserção de projetos integradores nos currículos de formação tecnológica em todos os semestres, pressupondo um itinerário formativo de amadurecimento das competências e dos valores pessoais e sociais do indivíduo. Tal afirmativa pode ser identificada na fala do entrevistado 1 referindo-se ao direcionamento adotado pela instituição:

E1 - [...] o que temos usado como fator e direcionamento nosso, é desenvolver projetos integradores [...] irá integrar diversas disciplinas, diversos conhecimentos, e o que deve acontecer, é que outros professores deverão colaborar com essa proposta [...], [...], só um professor não adianta, tenho que ter um professor que é o gerenciador, mas para ter sucesso eu preciso do comprometimento de todos, senão não irá resolver se não faz sentido ser projeto integrador para esse fim, aí deixaria somente como uma disciplina [...].

Desta maneira, percebeu-se a validade da proposta de uso da transversalidade na educação empreendedora, sendo capaz de favorecer o processo de desenvolvimento e formação integral do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou responder à questão de como se manifesta a transversalidade do tema empreendedorismo na formação de estudantes de Graduação Tecnológica a partir da análise dos dados obtidos por meio das entrevistas.

Percebeu-se que a educação empreendedora é compreendida por todos os participantes da pesquisa como um fator de relevância no cenário econômico e social, sendo capaz de promover mudanças no comportamento e posicionamento do sujeito. Destacou-se a importância da formação empreendedora nos cursos de graduação tecnológica, considerado como momento oportuno para o desenvolvimento de competências, habilidades, atitudes e valores que os capacite para o enfrentamento das situações impostas pelas mudanças ocorridas na sociedade.

Identificaram-se ações de intervenção nos currículos, partindo do estabelecimento de uma competência empreendedora no perfil profissional de conclusão de curso, a inserção de projetos integradores em todos os semestres de formação, assim como o direcionamento para criação de *startups*.

Nesse contexto, a transversalidade apresentou-se como uma metodologia viável, sendo percebida no entusiasmo da fala dos entrevistados, bem como, apontado por Wenceslau e Silva (2017) contribuindo para integração dos saberes defendida por Morin (1999) e Thadei (2006). Pressupõe-se que tais ações contribuiriam para reconceituação da educação como proposto na LDB (BRASIL, 1996), sugerindo um novo modelo de ensino capaz de propiciar uma transformação nos modos de ensinar e de aprender, impactando nas relações estabelecidas na comunidade escolar.

Pode-se presumir que a educação empreendedora se configure em uma tendência em desenvolvimento pela instituição, tendo sua importância percebida nos esforços investidos, conduta essa, que valida o compromisso com uma educação de qualidade para o estado de São Paulo. Essa pesquisa justificou-se pela relevância da educação empreendedora frente aos contextos sociais, propondo-se a contribuir com a comunidade acadêmica, com intuito de cooperar com estudos empíricos relacionados à formação empreendedora de futuros profissionais.

Portanto, conclui-se que a educação empreendedora se configura no acesso ao conhecimento capaz de propiciar um novo posicionamento do sujeito frente à sociedade em constantes transformações, incentivando a busca por melhores condições de vida, estabelecidas em competências e habilidades adquiridas no processo de formação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gracyanne Freire de; DAVEL, Eduardo. **Educação Empreendedora, experiência e John Dewey**. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração. Rio de Janeiro, v. 12 n. 4, 1-16, 2018.

ARRUDA, Carlos; BURCHART, Ana; DUTRA, Michele. **Estudos Teóricos Referenciais sobre Educação Empreendedora, Relatório da Pesquisa Bibliográfica sobre Empreendedorismo e Educação Empreendedora**. SEBRAE – MG, 2016. Disponível em: <http://cer.sebrae.com.br/wp-content/uploads/2015/12/EE-0115-16_Pesquisa-FDC-FINAL.pdf>. Acesso em 18 de abr. de 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. - São Paulo: Edições 70, 2011.

BESUTTI, Jussara; ANGONESE, Rodrigo. Traços de Personalidade e Intenção Empreendedora. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v.10, n. 3, 2017.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB Nº: 13/2010**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6552-pceb013-10&category_slug=agosto-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 17 de jun. 2018.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 547, de 18 de abril de 1969**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del0547.htm>. Acesso 15 nov. de 2018.

BRASIL. **Parecer CNE/CP Nº 29/2002**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_parecer292002.pdf>. Acesso em 15 nov. de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em 05 de jun. de 2018.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 05 de jun. de 2018

CARMONA, Viviane Celina; MARTENS, Cristina Dai Prá; FREITAS, Henrique Mello Rodrigues de. **Empreendedorismo em Negócios Sociais: Proposições Preliminares**. XX SEMEAD Seminários em Administração. Novembro de 2017.

COSTA, Maria Teresa Gomes da; CARVALHO, Luisa Cagica. A educação para o empreendedorismo como facilitador da inclusão social: um caso no ensino superior. **Revista Lusófona de Educação**, v. 19, p. 103-118, 2011.

DAUDT, Gabriel Marino; WILLCOX, Luiz Daniel. **Reflexões críticas a partir das experiências dos Estados Unidos e da Alemanha em manufatura avançada**. BNDES

Setorial, Rio de Janeiro, n. 44, p. [5] -45, set. 2016. Disponível em: <<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/9936>>. Acesso em 13 abr. 2018.

DAVINI, María Cristina. Novas Tecnologias Sociais, Reforma Educacional e Formação Docente. **Cadernos de Pesquisa**, n. 101, p.141-151, 1997.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2012.

DINATO, Maria Rosilene Sabino; SANDIM, Angela Salgado de Andrade; CERNACH, Ana Claudia. **Educação Empreendedora: O Processo de Aprendizagem como Fator de Mudança Social e Tecnológica**. V Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 2008. Disponível em: <www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/saopaulo/395_trabalho.pdf>. Acesso em 14 de jun.de 2018.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa**. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

DOLABELA, Fernando; FILION, L. J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n.2, 2013.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo, transformando ideias em negócios**. São Paulo: Empreende, 2018.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira; Publifolha, 1999.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, n. 24, p. 213-225, 2004.

ESTIVAL, Katianny Gomes Santana; ROSA, Renato de Oliveira; CORRÊA, Solange Rodrigues Santos; ANDRADE, João Carlos de Pádua; PROCÓPIO, Diego Pierotti. Educação Empreendedora e Negócios Sociais: Estudo de Caso da Concepção à Implantação da Disciplina Negócios Sociais no Curso de Administração. **Revista de Tecnologia Aplicada**, v.7, n.2, p.16-34, 2018.

FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, v. 34, n. 2, p. 05-28, 1999.

FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo e Gerenciamento: processos distintos, porém complementares. **Revista de Administração de Empresas**, v. 7, n. 3, p. 02-07, 2000.

FRANCO, Jheine Oliveira Bessa Franco; GOUVÊA, Josiane Barbosa. A cronologia dos estudos sobre o empreendedorismo. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.5, n.3, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa**. Paz e Terra, Brasil, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. Análise de entrevistas não-estruturadas: da formalização à pragmática da linguagem. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo: Saraiva, 2010.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil. Relatório Executivo 2017**. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20BRASIL_web.pdf>. Acesso em 26 jun. 2019.

HASHIMOTO, Marcos. **Espírito empreendedor nas organizações: aumentando a competitividade através do intraempreendedorismo**. São Paulo: Saraiva, 2013.

HATTIE, John. **Aprendizagem visível para professores: como maximizar o impacto da aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2017.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P.; SHEPHERD, Dean A. **Entrepreneurship**. New York, NY: McGraw-Hill Education, 2017

HUBER, Laura Rosendahl, SLOOF, Randolph, PRAAG, Mirjam Van. **The Effect of Early Entrepreneurship Education: Evidence from a Randomized Field Experiment**. Institute for the Study of Labor IZA DP No. 6512, 2012. Disponível em: <<http://ftp.iza.org/dp6512.pdf>>. Acesso em 02 de mai. de 2018.

INOUE, Ana Amélia. Temas Transversais. **Revista do Congresso**, n. 15, edição especial, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - **IBGE**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 26 de jun. de 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. da (Orgs.). **Para navegar no século XXI: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 19-42.

NERI, Marcelo Cortes. **As Razões da Educação Profissional: Olhar da Demanda**. - Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2012. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/20740/Texto-As-Razoes-da-Educa%C3%A7ao-Profissional-Olhar-da-Demandapdf.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em 25 de abr. de 2018.

OLIVEIRA, Anna Gabriela Miranda de; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; MUYLDER, Cristiana Fernandes de. Educação Empreendedora: O Desenvolvimento do Empreendedorismo e Inovação Social em Instituições de Ensino Superior. **Revista Administração em Diálogo**, v.18, n.1, p.29-56, 2016.

OLIVEIRA, Belkis Maria da Fonseca; VIEIRA, Diana Aguiar; MORIANO, Ana Laguía, Juan Antonio; SOARES, Vasco Jorge Salazar. Intenção empreendedora em estudantes universitários: adaptação e validação de uma escala (QIE). **Avaliação Psicológica**, v. 15, n. 2, p. 187-196, 2016.

PETEROSI, Helena Gemignani. **Subsídios ao estudo da Educação Profissional e Tecnológica**. São Paulo: Ceeteps, 2014.

PRESTINI, Sirlene Aparecida Matos. **Transversalidade e Temas transversais na Formação Inicial do Professor de Matemática**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

RIBEIRO, Maria de Fátima Sales; MOREIRA, Roseilda Nunes. Características do Comportamento dos Professores de Empreendedorismo de Ensino Fundamental de uma solução Educacional. **Revista de Administração da UNI7**, v.1, n.1, p. 263-290, 2017.

ROSSI, Thaine; OLIVEIRA, Edson Aparecida Araújo Querido. **A questão do desemprego no Brasil**. IX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 2005. Disponível em: <<http://biblioteca.univap.br/dados/INIC/cd/inic/IC6%20anais/IC6-115.PDF>>. Acesso em 26 de junho de 2019.

RUFÍN, Carlos. **Criando negócios na base da pirâmide: oportunidades para empreender em mercados inexplorados**. São Paulo: Empreende, 2017.

SANT'ANNA, Anderson Souza. Profissionais Mais Competentes, Políticas e Práticas de Gestão Mais Avançadas? **Revista de Administração de Empresas**, v. 7, n. 1, 2008.

SCHAEFER, Ricardo; MINELLO, Italo Fernando. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 3, p. 60-81, 2016.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico - Uma Investigação sobre Lucros, Capital, Crédito, Juro e o Ciclo Econômico**. Editora Nova Cultural Ltda., 1997. 228p.

SCHWARTZMAN, Simon. **Educação média profissional no Brasil: situação e caminhos**. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

SOUZA, Silvana Aparecida de. A introdução do empreendedorismo na educação brasileira: primeiras considerações. **Educação & Linguagem**, v. 15, n. 26, p. 77-94, 2012.

SUSSKIND, Daniel. **Daniel Susskind discute sobre o futuro das profissões**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/milenio/videos/v/milenio-daniel-susskind-professor-de-oxford-e-harvard-fala-do-futuro-das-profissoes/6206957/>>. Acesso em 27 mar. 2018.

TAKAHASHI, Adriana Roseli Wünsch. Cursos superiores de tecnologia em gestão: reflexões e implicações da expansão de uma (nova) modalidade de ensino superior em administração no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 44, n. 2, p. 385-414, 2010.

THADEI, Jordana Lima de Moura. **Temas Transversais e Letramento nas séries iniciais do ensino fundamental: para além da transversalidade temática**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

WENCESLAU, Maurinice Evaristo; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Temas transversais ou conteúdos disciplinares? Cultura, cidadania e diferença. **Interações**, v. 18, n. 4, p. 197-206, 2017.